

ÍTALO CALVINO E OS CLÁSSICOS: OVÍDIO NAS *SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO*

Thiago Lopes ARAÚJO

Orientadora: Prof^ª Dra. Isabella Tardin Cardoso

Resumo: Em 1985, Ítalo Calvino é convidado para ministrar palestras no contexto das Charles Eliot Norton Poetry Lectures, na Universidade de Harvard (EUA). Nasce, então, as *Six Memos for the Next Millennium* (“*Seis propostas para o Próximo Milênio*”). As seis propostas tratam de valores literários a serem conservados no próximo milênio. A pesquisa pretende observar mais de perto em *Six Memos* a presença de Ovídio, o autor de Roma antiga mais citado nas propostas de Calvino. Ao analisar algumas traduções de excertos selecionados e, adotando uma metodologia intertextual, comentar suas características poéticas, visa-se entender de que maneira tais obras da Antiguidade citadas por Calvino apresentam elementos estilísticos que permitem o autor apontá-las como paradigma para as qualidades que defende como compatíveis com a literatura do atual milênio.

Palavras-chave: Poesia latina, *Six Memos*, Ovídio, Antiguidade Clássica, Ítalo Calvino.

INTRODUÇÃO

A pesquisa¹ em que se insere o presente texto tem como meta apreciar algumas referências à Antiguidade Clássica presentes nas *Seis Propostas para o próximo milênio* de Ítalo Calvino. Mais especificamente, na pesquisa como um todo vamos analisar sobretudo as passagens que tratam dos poetas latinos Públio Ovídio Nasão (*Publius Ovidius Naso*, 43 a.C. - 18? d.C.) e Tito Lucrécio Caro (*Titus Lucretius Carus*, 99 a.C. - 55 a.C.). Neste artigo, porém, vamos tratar especificamente de Ovídio, nomeadamente da maneira como Calvino lida com o episódio de Medusa e Perseu, narrado pelo poeta no livro IV das *Metamorfoses*.

Como se sabe, Ítalo Calvino (1923 – 1985), um importante escritor italiano do século XX, publicou diversos livros hoje apreciados em todo mundo². Um dos fatores que atestam sua relevância reside na abrangência de sua obra: ela nos permite navegar por

1 O projeto é desenvolvido com apoio do PIBIC, 2015/2016.

2 Para um apanhado da bibliografia produzida por Calvino, cf. Barengi 2011, 2009 e 2007.

questões que perpassam diversas sociedades e universos literários, e que, atravessando os anos, estão presentes ainda na atualidade. Sinalizamos, em particular, a sua obra *Perché leggere i Classici*, publicada na Itália em 1991 (e, no Brasil, com o título *Por que ler os Clássicos*, em 1993), que nos indica o quão importante é, para Calvino, a leitura e compreensão dos Clássicos, incluindo o poeta latino Ovídio.³

Embora a relação de Ítalo Calvino e os textos da chamada Antiguidade Clássica greco-romana não tenha passado despercebida a estudiosos de outros países, ainda nos parece pouca a atenção dedicada ao assunto em nível internacional, e, além disso, não detectamos, segundo o banco de dados do *L'Année Philologique*, estudos sobre o tema em nosso país.⁴

O texto de *Six Memos for the Next Millennium* foi escrito em 1985, quando Calvino foi convidado pela Universidade de Harvard para ministrar palestras no âmbito das “Charles Eliot Norton Poetry Lectures”. Trata-se de um ciclo de seis palestras sobre “Poetry” (“poesia”, ali entendida como toda forma de comunicação poética). Segundo a esposa do autor comenta na apresentação do livro *Seis Propostas*, a amplitude de tal definição “foi o primeiro problema encontrado por Calvino, convencido do fato de quão importante é a pressão no trabalho literário”(CALVINO, 1990 , p. 5).⁵

Ao que parece, o livro foi, inicialmente, publicado em inglês⁶ com o título de *Six Memos for the Next Millennium*, em 1988; posteriormente foi traduzido em diversas línguas, inclusive para o português. No Brasil, com o título *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, em 1990, foi traduzido da edição italiana de 1988, por Ivo Barroso.

3 Ver, em especial, “Ovidio e la contiguità universale”, quarto capítulo in *Perché leggere i Classici*, 1995, pp. 29-41.

4 Os estudos que encontramos no *L'Année Philologique* (e que pretendemos consultar durante o desenvolvimento do projeto) são: M. Schmitz-Emans, “Metamorphosen der Metamorphosen: Italo Calvino und sein Vorfahr Ovid”, *Poetica* 1995 27 (3-4), pp. 433-469; G. Pani, “L’« Opera omnia » di S. Agostino in Lutero e nei riformatori”, *Augustinianum* 2000 40 (2), pp. 519-566; P. Li Causi, “Ascolto e potere ne « I benefici » di Seneca : (e in un racconto di Calvino)”, *Le orecchie e il potere* , pp. 245-269; P. Lago, *In fuga dal banchetto : da Petronio a Calvino*. *Aufidus* 2009 23 68-69, pp.51-61; F. García Jurado, “La ciudad invisible de los clásicos : entre Aulo Gelio e Italo Calvino” . *Nova Tellus* 2010 28, pp. 271-300; R. Velardi, *Parola e immagine nella Grecia antica : (e una pagina di Italo Calvino)*, *AION(filol)* 2004 26, pp.191-219 (pesquisa realizada em 17 de abril de 2015, com as palavras-chave “Italo Calvino”, “Ovid and Calvino”, “Classic and Calvino”).

5 Nossas referências mais gerais à obra *Six Memos* apontam normalmente para as páginas da tradução da obra publicada no Brasil (1990), mas as versões italiana (1988) e inglesa (1988) serão também levadas em conta, sobretudo quando se tratar da análise dos textos latinos referidos por Calvino.

6 A primeira publicação em língua inglesa, publicada pela Universidade de Harvard em 1988, foi traduzida por Patrick Creagh. Mesmo tendo escrito originalmente o livro em italiano, conforme consta na apresentação da edição em inglês, o autor deu o título das “Lições” e do próprio livro em inglês. A primeira edição em língua italiana foi publicada em maio de 1988, pela editora Garzanti de Milão, segundo se informa na introdução da “Apresentação” da edição italiana de 2002 (pp. v) .

Segundo se informa na introdução do livro (1990, p. 5-6), Calvino tinha a intenção inicial de fazer oito conferências, mas acabou por escrever somente cinco e esboçar o conteúdo da sexta – “Consistency” (“Consistência”) –, que seria escrita em Harvard; no entanto, o autor falece antes mesmo de completá-la. As cinco referidas lições foram nomeadas por Calvino de, respectivamente, “Lightness” (“Leveza”), “Quickness” (lit. “Rapidez”, mas na tradução em português de Ivo Barroso, “Velocidade”), “Exactitude” (“Exatidão”), “Visibility” (“Visibilidade”) e “Multiplicity” (“Multiplicidade”).

Calvino explicita o motivo de ter escolhido tais valores que ele considera “particularmente caros” (1990, p.11). Em relação à “leveza”, cerne desta primeira etapa do nosso estudo, o autor italiano afirma seu propósito: “explicar [...] a razão por que fui levado a considerar a leveza antes um valor que um defeito” (1990, p.15). Para, para Calvino, a leveza não deveria se evitada, e sim apreciada, pois “é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta, independentemente da doutrina filosófica que este pretenda seguir” (1990, p.22).

OVÍDIO E AS SEIS PROPOSTAS

Públio Ovídio Nasão nasce em Sulmona, na atual região de Abruços, na Itália, em 20 de março do ano 43 a.C. Filho de uma família aristocrática, Ovídio estudou nas melhores escolas de retórica, desenvolve parte de seus estudos na Grécia e, ao retornar para Roma, abandona a carreira política. Ao entrar no círculo literário de Messala, tem contato com os maiores poetas de Roma e, então, uma vida de sucesso literário tem início. No entanto, no ano 8 d. C., é relegado por Augusto no Mar Negro, por causas desconhecidas. Acredita-se que, segundo própria afirmação Ovídio em *Tristia* II 207, tenha sido por conta de acusações de imoralidade em suas obras. Ovídio é conhecido pela sua poética considerada “moderna”, por uma produção vasta e pela variedade dos gêneros poéticos tratados. Segundo CONTE (1996, p. 292), a “forte consciência literária” de Ovídio. Para o estudioso, essa consciência literária

se relaciona, ao mesmo tempo, com a tendência de Ovídio em analisar a realidade nos seus aspectos mais diversos, sem excluir, com uma atitude eminentemente relativística: contrário a escolhas absolutas, ele sabe aderir às várias faces da realidade, privilegiando aquelas que lhe parecem mais em conformidade com o gosto, com as tendências ético-estéticas do tempo (e as suas próprias). Isso explica o traço mais significativo da sua poesia, sobretudo de sua juventude, ou seja, a aceitação indiscutível, frequentemente entusiasta, das novas formas de vida na Roma de seu tempo.⁷

⁷ Aqui a tradução é nossa.

Entre os anos 2 e 8 d.C., o poeta sulmonense escreve as *Metamorfoses*, poema épico em 15 livros, com um total de quase 12000 hexâmetros. Os livros se caracterizam pela diversidade dos temas tratados e pelo modo como o autor latino os aborda, de forma que a fluidez da estrutura dos textos corresponde à variedade dos conteúdos, sendo, portanto, “uma galeria dos vários gêneros literários”.⁸

Na obra que será estudada, Calvino faz uso de diversas referências clássicas. Entendemos aqui não somente o termo “clássico” como o que teria vindo da chamada Antiguidade Clássica (como a obra que é cerne deste projeto), mas também segundo a própria definição apresentada por Calvino, em *Por que ler os Clássicos*:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. Se leio a *Odisseia*, leio o texto de Homero, mas não posso esquecer tudo aquilo que as aventuras de Ulisses passaram a significar durante os séculos e não posso deixar de perguntar-me se tais significados estavam implícitos no texto ou se são incrustações, deformações ou dilatações.[...] Se leio [...] *Os possuídos* de Dostoiévski não posso deixar de pensar em como esses personagens continuaram a reencarnar-se até os nossos dias. (CALVINO, 2002, pp. 8-9, tradução Nilson Moulin)

Essa concepção de “clássico” apresentada por Calvino ainda será objeto de nossa discussão no decorrer da pesquisa. Para tanto, pretendemos confrontá-la também com outras definições do termo; mas, particularmente, interessa-nos apreciar de que modo ela se manifesta na práxis crítica que o autor desenvolve nas *Seis Propostas*. Nesse sentido, chama a atenção a constante recorrência de Calvino a textos da Antiguidade Clássica greco-romana, com que o autor exemplifica as suas *Propostas* para o futuro: Homero, Parmênides, Epicuro, Lucrécio, Ovídio e Agostinho. Dentre essas, destacam-se as referências ao poeta nascido em Sulmona, mas atuante em Roma, Públio Ovídio Nasão.⁹

Vejamos como, já no começo das *Seis Propostas*, Calvino apresenta obra de Ovídio como um exemplo de “lightness”, de “leggerezza/leveza”.

OVÍDIO E A LEVEZA

Na primeira lição, Calvino chama atenção para a oposição entre leveza e peso. O predomínio daquela sobre este é apresentado como uma chave universal de acesso

8 Cf. Conte, 1996, p. 302.

9 Na edição italiana (1988), temos: Homero, p. 54 e 130; Parmênides, p. 65; Epicuro, p. 14; Lucrécio, p. 12-14, 17, 29-30, 46, 75, 111, 122; Agostinho, p. 127; Ovídio, p. 9-11, 13-14, 17, 30, 111, 130.

à realidade: desde a ciência, em que temos, por exemplo, o DNA, os nêutrons e os quarks como sendo entidades dotadas de leveza sem as quais o mundo não existiria. Na informática, lembra o autor, o hardware nada seria sem o software (CALVINO, 1990, p. 20).

Contudo, antes de se referir a fenômenos da ciência que nos é contemporânea, Calvino se debruça – inicialmente – sobre o mito de Perseu e Medusa, recorrendo à *Metamorfoses* de Ovídio, nomeadamente a um excerto de seu livro IV (v. 740-752). Calvino chega a citar, em italiano, alguns dos versos da passagem (versos 741-743) que, para a nossa análise, veremos a seguir de modo mais extenso:¹⁰

ipse manus hausta victrices abluit unda,	740
anguiferumque caput dura ne laedat harena,	
mollit humum foliis natasque sub aequare virgas	
sternit et inponit Phorcynidos ora Medusae.	
virga recens bibulaque etiamnum viva medulla	
vim rapuit monstri tactuque induruit huius	745
percepitque novum ramis et fronde rigorem.	
at pelagi nymphae factum mirabile temptant	
pluribus in virgis et idem contingere gaudent	
seminaque ex illis iterant iactata per undas:	
nunc quoque curialiis eadem natura remansit,	750
duritiam tacto capiant ut ab aere quodque	
vimen in aequare erat, fiat super aequora saxum. (<i>Met.</i> IV 740-752)	

Ele mesmo lavou suas mãos vencedoras;
e para não ferir na areia a face angüífera,
cobre a terra de folhas e plantas marinhas
e aí põe a cabeça de Medusa Forcínide.
Vara verde e vivaz em medula porosa
sorve a força do monstro e ao contato endurece,
e seus ramos e folhas ganham rigidez.
As ninfas do mar tentam de novo o prodígio
noutras plantas e alegram-se por consegui-lo,
e lançam as sementes delas no oceano.

10 O texto latino citado é o editado por Georges Lafate, na coleção Les Belles Lettres.

Agora a natureza dos corais é idêntica:

endurece no ar, convertendo-se em rocha

sobre o mar o que era vime embaixo dele. (Trad. de Carvalho, 2010)

Ao lermos a interpretação que Calvino apresenta do mito de Medusa tal qual narrado por Ovídio, surgem-nos várias perguntas. Que aspectos do modo de composição ovidiana são levados em conta na leitura que Calvino faz dos referidos versos das *Metamorfoses*? Como eles se tornaram símbolos de leveza para o autor italiano? Até que ponto essa leitura do texto ovidiano é corrente nos estudos sobre esse autor romano? Para ponderar sobre tais questões, parece-nos importante, em primeiro lugar, observar de perto o texto latino, analisando os aspectos destacados. A partir daí, observaremos o que se tem dito sobre a versão do mito desenvolvida por Ovídio e sobre os aspectos estilísticos observáveis na passagem.

Carvalho (2010, p. 21), em seu estudo de tradução das *Metamorfoses*, comenta que ainda falta um estudo que analise a leveza nesta passagem (2010, p. 21). Mas o estudioso já adianta, de modo resumido, alguns dos possíveis elementos que contribuiriam para tal percepção. Carvalho afirma, ainda, que a leveza apreciada por Calvino seria o resultado de elementos característicos do “operar ovidiano”, como “a contraposição de elementos díspares e o equilíbrio entre elementos contrários”.

Em versos anteriores aos citados, Perseu, fugindo para as nuvens (“quando, súbito, o herói, os pés premendo a terra, se eleva até as nuvens”; *cum subito iuvenis pedibus tellure repulsa/arduus in nubes abiit*, v. 711-712), não mira o seu adversário diretamente nos olhos, mas através de sua imagem refletida no espelho. Perseu consegue, assim, derrotar Medusa, um monstro que, ao tornar em pedra a pessoa que o olha nos olhos, simboliza o peso do mundo. Nesse sentido, podemos notar a referência a chumbo (v. 710) no símile que dá início à narrativa bélica ovidiana:

Ecce, velut navis praefixo concita rostro

sulcat aquas iuvenum sudantibus acta lacertis,

sic fera dimotis impulsu pectoris undis;

tantum aberat scopulis, quantum Balearica torto

funda potest **plumbo** medii transmittere caeli (*Met.* IV 706-710, grifo nosso)

“Eis, como nau veloz de pontiaguda proa

sulcando o mar movida por suados braços,

assim a fera as ondas cortando com peito,

dista da penha o espaço que arma baleárica

pode com **chumbo** ao céu lançado atravessar” (Trad. de Carvalho 2010)

Além disso, a derrota é tal que, a partir do peso de Medusa, origina-se a leveza: do sangue derramado pela decapitação da Medusa, nasceu Pégaso, o cavalo que, por ter asas, é fugaz, dotado de leveza (“e com asas fugaz/ Pégaso e o irmão nascem do sangue da mãe”; *pennisque fugacem/Pegason et fratrem matris de sanguine natos. Met. IV 784-785*). Assim é que, para Calvino, o que se inicia como peso acaba por ser traduzido pelo seu antônimo, a leveza.

Mas, antes da referência a Pégaso, já encontramos um breve exemplo das oposições que o texto ovidiano articula. Trata-se da maneira com que Perseu, que decaptara Medusa de maneira terrivelmente cruel (*Met. IV, 704-736*)¹¹, revela-se, de modo imprevisto, um “herói cordial” ao demonstrar um cuidado ímpar com a cabeça do monstro degolado. Tal aspecto, destacado por Calvino (1990, p.18) é observável nos versos abaixo, que citamos novamente na tradução de Carvalho:

anguiferumque caput dura ne laedat harena,
mollit humum foliis natasque sub aequare virgas
sternit et inponit Phorcynidos ora Medusae.
(*Met. IV, 741-43*)

“e para não ferir na areia a face angüífera,
cobre a terra de folhas e plantas marinhas
e aí põe a cabeça de Medusa Forcínide” (Trad. de Carvalho 2010)

Impressiona Calvino o fato de que, para depositar a cabeça do monstro cuidadosamente, sem feri-la (*ne laedat*, v. 741), Perseu “amolece” (*mollit*, v. 742) a dura areia (*dura harena*, v. 741) ao forrá-la com folhas e plantas “nascidas sob o mar”

11 Ainda vamos analisar com mais vagar a forma com que a crueldade é retratada nos versos ovidianos: “Eis, como nau veloz de pontiaguda proa sulcando o mar movida por suados braços, assim a fera as ondas cortando com peito, dista da penha o espaço que arma baleárica pode com chumbo ao céu lançado atravessar; 710 quando, súbito, o herói, os pés premendo a terra, se eleva até as nuvens. Quando em alto mar, a sombra viu-lhe, a fera lhe atacou a sombra; e qual ave de Jove, vendo em campo vago dragão expando o dorso escuro à luz de Febo, 715 pega-o por trás e, pra que atroz fauce não torça, crava as ávidas unhas no escamoso lombo; assim, lançando-se ao vazio em vôo veloz, preme o lombo da fera fremente e à direita o inácidê cravou-lhe a espada até os copos. 720 Ferida gravemente, ora se ergue no ar, ora se esconde n’água, ora se contorce, qual feroz javali aos cães latindo em volta. Em ágil vôo, o herói escapa aos dentes ávidos; e onde dá, ora em lombo coberto de conchas, 725 ora nos flancos, ora na cauda finíssima findando em peixe, fere com falcada espada. A besta, água a sangue purpúreo mesclada, vomita. As asas se umedecem com os salpicos; Perseu, não confiando nos talares úmidos, 730 viu um rochedo de alto pico bem visível com água calma e oculto com mar agitado. Se apóia nele e às bordas com a esquerda agarra-o; Por três vezes ou quatro ao flanco o ferro crava-lhe. Clamor e aplauso encheram as praias e as altas 735 mansões dos deuses.” (Tradução de Carvalho 2010).

(*sub aequore natus*, v. 742). A partir disso, verifica-se um novo fenômeno inesperado, o surgimento de uma rigidez que não é estéril:

virga recens bibulaque etiamnum viva medulla
vim rapuit monstri tactuque induruit huius
percepitque novum ramis et fronde rigorem. (*Met.* IV, 744-746)

“Vara verde e vivaz em medula porosa
sorve a força do monstro e ao contato endurece,
e seus ramos e folhas ganham rigidez.” (Trad. de Carvalho 2010)

Com referências às ninfas espalhando as sementes (v. 747-749), o narrador associa aqui mais um mito etiológico, isto é, a causa da existência de mais uma espécie de seres vivos: os corais. Tal continuidade na genealogia de mitos e seres pode embasar o ponto de vista Calvino a concepção mitológica ovidiana. Para o autor italiano, o modo como as *Metamorfoses* narram o mito representa “uma alegoria da relação do poeta com o mundo, uma lição do processo de continuar escrevendo” (CALVINO, 1990, p. 16).

Nesse sentido, Carvalho (2010, p. 21) sinaliza que, na perspectiva de Ítalo Calvino, o texto das *Metamorfoses* tem um caráter mais abrangente: o texto não representa somente leveza, expressa nos versos acima citados, mas também velocidade, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência, uma vez que tal obra representa, por excelência, as “obras do futuro”. Isso porque, conforme afirma Calvino em *Por que ler os Clássicos*:

As *Metamorfoses* são poema da rapidez, tudo deve seguir-se em ritmo acelerado, impor-se à imaginação, adquirir evidência, dissolver-se. É o princípio do cinematógrafo: cada verso como cada fotograma deve ser pleno de estímulos visuais em movimento. (CALVINO, 2002, p. 28, trad. de Nilson Moulin)

Tal constatação da amplitude do significado que a obra ovidiana tem para autor italiano nos reitera a relevância de observar mais de perto, nas próximas fases deste estudo, os excertos em que as *Metamorfoses* são evocados nas seis propostas que Ítalo Calvino lega para nosso milênio.

BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, I. (1988). *Six Memos for the Next Millennium*. Harvard University Press. Cambridge.
- _____. (1990) *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2002). *Lezioni Americane: Sei Proposte per il Prossimo Millennio*. Milano: Oscar Mondadori, 14 ed.

- _____. (2002). *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. 2ª reimpressão. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras.
- BARENGHI, M. (2011). *Saggi, 1945-1985*. 3ª ed. Milano: Arnoldo Mondadori.
- _____. (2009). *Calvino*. Profili di storia letteraria. Bologna: Il Mulino.
- _____. (2007). *Italo Calvino: le linee e i margini*. Bologna: Il Mulino.
- CARVALHO, R. N. B. de. (2010). *Metamorfoses* em tradução. Trabalho de conclusão de pós-doutoramento – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- CONTE, G. B. (1996). *Letteratura latina. Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano*. Nuova edizione. Le monnier: Firenze.
- GARCÍA JURADO, F.. (2010). “La ciudad invisible de los clásicos : entre Aulo Gelio e Italo Calvino”, *Nova Tellus*, 28 (1), pp. 271-300.
- _____. (2013). “Redeeming The Text, Reception Studies, and the Renaissance”, *Classical Receptions Journal*, Oxford. Vol 5. Iss 2, pp. 190-198.
- HARDWICK, L. (2003). *Reception Studies*. Greece and Rome New Surveys in the Classics 33. Oxford: Oxford University Press.
- LAGO, P. (2009). “In fuga dal banchetto: da Petronio a Calvino”. *Aufidus* 68-69, pp. 51-61.
- OROSCO, G. S. (2011). *Metamorfoses de Venus na poesia de Ovídio*. Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.
- OVIDE. (1995). *Les Métamorphoses*. Ed. crítica de Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres.
- OVIDIO. (2004). *Metamorfosi*. A cura di Alessandro Barchiesi e Gianpiero Rosati. Traduzione di Ludovica Koch. Roma: Fondazione Lorenzo Valla. Mondadori.
- PIERANGELI, F. (1997). *Italo Calvino: la metamorfosi e l'idea del nulla*. Soveria Mannelli: Rubbettino.
- SCHMITZ-EMANS, M. (1995). “Metamorphosen der *Metamorphosen*: Italo Calvino und sein Vorfahr Ovid.” *Poetica* 27 (3-4), pp. 433-469.
- SILVA, M. M. de P. (2008) *Artesque locumque: espaços da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*. 2008. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- VELARDI, R. (2004). “Parola e immagine nella Grecia antica: (e una pagina di Italo Calvino)”. *AION(filol)* 26, pp. 191-219.